José Vicente Rezende Cardoso

"A HISTÓRIA DO JARDIM ZOOLÓGICO"

Edward Albee

Tradução de Luiz Carlos Maciel

Intérpretes:

PETER — Um homem de quarenta anos, nem gordo nem magro, nem bonito nem feio. Veste um paletó de *tweed*, fuma cachimbo e usa óculos de aros. Apesar de caminhar para a meia-idade, suas roupas e suas maneiras sugeririam um homem mais moço.

JERRY — Um homem de quase quarenta anos, vestido com certo desleixo. Seu corpo, que foi, uma vez elegante, de leve musculatura, começa a ficar gordo, e apesar de não ser mais bonito, aparenta ter sido. A perda de sua graça física não devia sugerir devassidão; para ser mais exato, ele parece, antes cansado e acabado.

CENA: Central Park; uma tarde de domingo no verão; época atual. Há dois bancos, sendo um de cada lado do palco, mas ambos de frente para a platéia. Atrás deles: árvores, folhagens, céu. Peter está sentado num dos bancos. Marcações do palco: quando sobe a cortina, ele está sentado no banco da direita. Está momento, enquanto limpa os óculos. Volta à leitura. Entra Jerry.

JERRY — Vim do Jardim Zoológico. *(Peter não o nota)*. Eu falei Eu falei que estive no zoológico! EI, SEU, EU ESTIVE NO JARDIM ZOOLÓGICO!

PETER — Ein?... O quê?... Desculpe, o senhor estava falando comigo?

JERRY — Eu fui ao zoológico e, depois, caminhei até aqui. Essa é a quinta avenida? *(Apontando além da platéia)*.

PETER — Bem... eu... acho que sim... Deixa eu ver... Ah, é; é sim.

JERRY — E que rua transversal é aquela da direita?

PETER — Aquela? Oh, aquela é a Rua Setenta e Quatro.

JERRY — O Jardim Zoológico fica perto da Rua Sessenta e Seis; logo eu estou caminhando para o norte.

PETER *(Ansioso para continuar a leitura.)* — É, parece que sim.

JERRY — O velho norte, o bom norte.

PETER *(Levemente, por reflexo.)* — Ah, ah.

JERRY *(Depois de uma breve pausa.)* — Mas não é bem o norte.

PETER — Não... não é bem o norte. Mas nós... nós o chamamos norte. Para o norte.

JERRY *(Observa Peter que, ansioso para se ver livre dele, prepara o cachimbo.)* — Olha rapaz, você não quer arranjar um câncer no pulmão, quer?

PETER *(Levanta os olhos, primeiro aborrecido, depois sorri.)* — Não, senhor; não com isso aqui.

JERRY — Então, você quer arranjar é câncer na boca; e vai ter que usar uma daquelas coisas que Freud usava depois que arrancaram um lado inteiro do queixo dele. Como é mesmo que se chamava aquilo?

PETET *(Sem jeito.)* — Um aparelho protético.

JERRY — Isso mesmo, um aparelho protético. Você é um homem instruído, não é? Você é médico?

PETER — Oh, não. É que eu li isso em algum lugar; acho que foi no "Time". *(Ele volta ao seu livro.)*

JERRY — Bem, o "Time" não é para qualquer um.

PETER — Não, acho que não.

JERRY *(Depois de uma pausa)* — Puxa, estou contente de saber que aquela é a quinta avenida.

PETER *(Vagamente)* — É?

JERRY — Eu não gosto muito do lado oeste do parque.

PETER — Não? *(Com prudência, mas interessado)* por quê?

JERRY *(Fora do assunto)* — Não sei.

PETER *(Volta ao seu livro)* — Oh!

JERRY *(Pára por alguns segundos, olhando Peter, que, finalmente, levanta os olhos, outra vez, perplexo)* — Você se incomoda de conversar comigo?

PETER *(Levemente incomodado)* — Bem... não, não.

JERRY — Bem... mas não está querendo conversar. É, você se importa sim.

PETER — Não, eu, sinceramente, não me importo.

JERRY — Você se importa sim.

PETER *(Finalmente, decidido)* — Não, na verdade, eu não me importo, absolutamente.

José Vicente Rezende Cardoso

JERRY — É... está fazendo um bonito dia.

PETER *(Fixa, desnecessariamente, o céu)* — É... é sim; está muito bonito.

JERRY — Eu estive no Jardim Zoológico.

PETER — Você já me disse isso antes... não disse?

JERRY — Amanhã você vai ler sobre isso nos jornais, se você não assistir na sua televisão hoje à noite. Você tem televisão, não tem?

PETER — Tenho sim. Nós temos duas; uma para as crianças.

JERRY — Você é casado?

PETER *(Satisfeito, com ênfase)* — Sim; é lógico que sou.

JERRY — Bem, mas ser casado não é uma obrigação.

PETER — Não... claro que não.

JERRY — Você tem esposa.

PETER *(Espantado pela aparente falta de relação)* — Claro!

JERRY — E você tem filhos.

PETER — Tenho dois.

JERRY — Meninos?

PETER — Não, meninas... duas meninas.

JERRY — Mas você queria meninos.

PETER — Bem... naturalmente, todo homem quer um filho, mas...

JERRY *(Zombando)* — Só que você não descobriu a receita.

PETER *(Chateado)* — Eu não quis dizer isso.

JERRY — Vocês não pretendem ter mais filhos, pretendem?

PETER *(Um pouco distante)* — Não. *(Voltando-se aborrecido.)* Por que você pergunta? Como você pode saber?

JERRY — Pelo jeito de você cruzar as pernas; alguma coisa na sua voz; ou, talvez, seja somente um palpite. É por causa de sua mulher?

PETER *(Furioso)* — Isso não é da sua conta. *(Jerry diz sim com a cabeça. Peter acalmando-se.)* Bem, você tem razão. Nós não vamos ter mais filhos.

JERRY *(Suave)* — É... você não descobriu a receita.

PETER *(Perdoando)* — É... acho que não.

JERRY — E, agora, que mais?

PETER — O que é que você estava falando sobre Jardim Zoológico... Que eu ia ler, ou ver?...

JERRY — Vou lhe contar daqui a pouco. Você se importa que eu faça mais perguntas?

PETER — Oh, não!

JERRY — Eu lhe digo porque; eu não falo com muita gente — só para dizer coisas, como: "me dá uma cerveja", ou "onde é o mictório", ou "que hora o filme começa", ou ainda, "tira a mão daí, rapaz" — Você sabe... coisas assim.

PETER — Não, não compreendo.

JERRY — Mas de vez em quando eu gosto de conversar com alguém; conversar, realmente; gosto de ficar conhecendo esse alguém; de saber tudo sobre ele.

PETER *(Sorrindo, mas ainda sem jeito)* — E eu fui escalado pra hoje?

JERRY — Numa ensolarada tarde de domingo como essa? Quem melhor do que você, um homem bem casado, com duas filhas e... um cachorro? *(Peter sacode a cabeça)*... Não? Dois cachorros. *(Peter sacode a cabeça.)* Nenhum cachorro? *(Peter sacode a cabeça melancolicamente.)* Oh, que pena! Mas você parece gostar de animais. Gatos? *(Peter faz que sim com a cabeça, tristemente)* Gatos? Mas isso não pode ter importância para você, mas... para sua mulher... suas filhas. *(Peter faz que sim com a cabeça)* Há mais alguma coisa que eu deva saber?

PETER *(Limpando a garganta)* — Há... Há ainda dois periquitos... um para cada uma de minhas filhas.

JERRY — Pássaros.

PETER — Eles ficam presos numa gaiola no quarto de minhas filhas.

JERRY — São doentes?... os pássaros?

PETER — Creio que não.

JERRY — É pena. Se fossem doentes você poderia soltá-los e os gatos podiam comê-los e, talvez, morrer. *(Peter fica pálido por um momento e depois, sorri)* E que mais? Como é que você pode sustentar essa família toda?

PETER — Eu... trabalho na direção de uma... uma pequena editora... nós publicamos livros escolares.

JERRY — Ótimo, excelente. Quanto é que você ganha?

PETER *(Ainda animado)* — Espera aí...

JERRY — Oh, vamos, diga.

PETER — Bem, eu ganho cerca de 1.800 dólares por ano, mas nunca ando com mais de quarenta dólares no bolso... no caso de você ser... assaltante...

JERRY *(Ignorando o dito acima)* — Onde é que você mora? *(Peter está relutante.)* Olha, seu não pretendo roubar você, nem seus passarinhos, nem seus gatos ou suas filhas.

José Vicente Rezende Cardoso

PETER *(Muito alto)* — Eu moro entre Lexington e a Terceira Avenida, na Rua Setenta e Quatro.

JERRY — Não foi difícil dizer, foi?

PETER — Eu não quis parecer... é que você propriamente não conversa; você só faz perguntas. E eu sou... eu sou, geralmente, um reticente. Por que você fica parado aí?

JERRY — Eu vou andar por aqui, durante algum tempo e, de vez em quando, eu me sento. *(Lembrando-se)* Espere até você ver a expressão da cara dele.

PETER — A cara de quem? Olha aqui; é alguma coisa sobre o Jardim Zoológico?

JERRY *(Distante)* — O quê?

PETER — O zoológico. Alguma coisa sobre o Jardim Zoológico.

JERRY — O zoológico?

PETER — Você o mencionou várias vezes.

JERRY *(Ainda distante, mas voltando bruscamente)* — O Jardim Zoológico. O Jardim Zoológico? Ah, sim, o zoológico. Eu estive lá antes de vir para cá. Já lhe disse isso. Diga, qual é a linha divisória entre a alta-média classe-média e a baixa-alta classe-média?

PETER — Meu caro amigo, eu...

JERRY — Não me chame de caro amigo.

PETER *(Infeliz)* — Eu estava apenas, querendo ser amável. Desculpe. Mas você compreende, sua pergunta sobre classe me desconcertou.

JERRY — E quando você se desconcerta, você fica amável?

PETER — Eu... eu não me expresso bem, às vezes. *(Tem uma piada sobre si mesmo)* Eu sou um editor, não... um escritor.

JERRY *(Divertindo, mas não achando graça)* — Está bem. Mas a verdade é que você estava querendo me agradar.

PETER — Você não precisa falar assim.

(Neste ponto, Jerry pode começar a caminhar pelo palco com lenta, mas crescente resolução e autoridade, medindo os passos de tal maneira que a longa fala sobre o cachorro vem no ponto mais alto da curva.)

JERRY — Está bem. Quais são os seus escritores favoritos? Baudelaire e J. P. Marquand?

PETER *(Cauteloso)* — Bem, gosto de inúmeros escritores; tenho uma considerável... digamos, liberdade de gosto. Esses dois que você citou são excelentes, cada um no seu gênero. *(Entusiasmando-se)* Baudelaire, naturalmente... é de longe o melhor dos dois, mas Marquand tem seu lugar... em nossa... literatura.

JERRY — Chega.

PETER — Desculpe.

JERRY — Você sabe o que eu fiz antes de ir ao Jardim Zoológico, hoje? Andei toda a Quinta Avenida, desde Washington Square.

PETER — Ah, você mora no Village? *(Isso parece interessar Peter.)*

JERRY — Não. Tomei o *subway* até o Village de modo que eu pudesse caminhar a Quinta Avenida inteira até o zoológico. Essa é uma das coisas que uma pessoa tem que fazer; às vezes, uma pessoa tem que se afastar muito do caminho para atingir um ponto relativamente próximo.

PETER *(Quase com desagrado)* — Ah, eu pensei que você morasse no Village.

JERRY — O que é que você está tentando dizer? Encontrar um sentido nas coisas? Colocar as coisas no lugar? Usar o velho truque do curioso? Bem, é fácil eu lhe explico; moro numa pensão de quatro andares, no fim da zona oeste, entre a Avenida Columbus e o oeste do Central Park. Moro no último andar, nos fundos; o meu quarto é ridiculamente pequeno e uma das paredes é feita de tábua; essa parede separa meu quarto de um outro, também, incrivelmente pequeno; por isso eu acho que os dois quartos foram antes um quarto só, mas não tão pequeno. O quarto do outro lado de minha parede de tábua é ocupado por uma "bicha" negra, que sempre deixa a porta do seu quarto aberta; bem, nem sempre, mas sempre que ela está depilando as sombrancelhas, o que ela faz como um ritual budista. Esta bicha negra tem dentes estragados, o que não é comum; tem também um quimono japonês, o que é também bastante raro; e usa o quimono para ir e voltar ao banheiro, no *hall*, o que é bastante freqüente. O que eu quero dizer é que ela vive indo ao banheiro. Mas nunca me chateia, e nunca leva ninguém para seu quarto. Tudo que ela faz é depilar as sombrancelhas, usar seu quimono e ir ao banheiro. Já os dois quartos da frente no meu andar são um pouco maiores eu acho; mas também não são grandes. Tem uma família porto-riquenha num deles; o marido, a mulher e algumas crianças; não sei quantas. Essa gente me diverte um bocado. E no outro quarto da frente tem alguém morando lá, mas eu não sei quem é. Nunca vi. Nunca, nunca. Jamais.

PETER *(Embaraçado)* — Por quê... Por quê... Por quê você mora nessa casa?

JERRY *(Distante, outra vez)* — Não sei.

PETER — Não me parece um lugar dos mais agradáveis... e é você mora.

JERRY — Bem, não; não é um apartamento como os do seu bairro. Mas não tenho uma esposa, duas filhas, dois gatos e dois periquitos. O que eu tenho: artigos de *toilette*, algumas roupas, um fogareiro, que eu não devia ter, um abridor de latas do tipo que funciona como uma chave, você sabe; uma faca, dois garfos, e duas colheres, uma grande e uma pequena; três pratos, uma xícara, um pires, um copo, duas molduras para fotografias, ambas vazias, uns oito ou nove livros, um baralho pornográfico, um baralho comum, uma velha máquina de escrever Western Union que só bate as letras maiúsculas e um pequeno cofre sem fechadura, que tem dentro... o quê? Pedras! Algumas pedras que eu apanhei na praia, quando era garoto; debaixo delas, estão algumas cartas amassadas... cartas de "pedidos", por favor, por que você não faz isso; por favor, quando você fará aquilo. E cartas de "perguntas", também: Quando você vai escrever? Quando você virá? Quando? Quando? Quando? Estas cartas são as mais recentes.

PETER *(Mal humorado fixa seus sapatos e, então)* — E aquelas duas molduras vazias?

JERRY — Não vejo necessidade nenhuma de maior explicação. Não está claro? Não tenho fotografias de ninguém para colocar nelas.

PETER — Seus pais... talvez... uma namorada...

JERRY — Você é um homem delicado e de uma incoerência verdadeiramente invejável. Mas minha querida mãe e meu querido pai estão mortos... e isso me entristece, você sabe... Mas aquela conhecida dupla de "vaudeville" está representando agora nas nuvens e eu não sei como poderia contemplá-los arrumadinhos e emoldurados num quarto. Além disso, ou, antes disso, para ser exato, a querida mamãe abandonou o querido papai quando eu tinha pouco mais de dez anos; ela embarcou numa excursão adúltera, através dos Estados do Sul... uma *tournée* que durou um ano... e a companhia mais constante que ela teve... entre outros... entre muitos outros... era um tal Mr. Barleycarn. Pelo menos, foi o que o querido papai me contou, depois que ele foi ao Sul... e voltou... trazendo o corpo dela. Nós tínhamos recebido a notícia, veja você, entre o Natal e o Ano Novo, de que a querida mamãe tinha ido desta vida para outra melhor num daqueles imundos corriços do Alabama. E morta, ela era menos bem-vinda. Eu quero dizer que a querida mamãe não passava de um corpo rígido e frio. De qualquer maneira, o meu bom e velho pai celebrou o Ano Novo por umas duas semanas e, depois, se atirou na frente de um ônibus, o que mais ou menos resolveu este problema familiar. Bem, não; depois então, teve a irmã da querida mamãe que não era dada nem ao pecado nem às consolações do álcool. Eu me mudei para a sua casa e só me recordo da severidade de tudo que ela fazia: dormir, comer, trabalhar, rezar. Ela caiu morta nas escadas de seu apartamento, que, então, era também o meu, na tarde de minha formatura no colégio. Uma piada horrivelmente sem graça, se você quer saber o que eu acho disso tudo.

PETER — Que coisa!... que coisa!...

JERRY — Que coisa, o quê? Isso tudo já foi há tanto tempo que eu já não consigo integrar-me na história com a mesma emoção ou... como se eu fosse personagem dela. Talvez, agora, você possa compreender, entretanto, porque a querida mamãe e o querido papai estão sem moldura. Qual é o seu nome? Seu primeiro nome?

PETER — Peter.

JERRY — Eu tinha esquecido de perguntar. O meu é Jerry.

PETER *(Com ligeiro riso nervoso)* — Alô, Jerry.

JERRY *(Responde com a cabeça)* — Agora, vejamos: qual é a razão para ter a fotografia de uma mulher, especialmente em duas molduras? Pois eu tenho duas, você se lembra. Nunca deito com uma dona mais de uma vez e a maioria delas não se deixaria fotografar no quarto num momento desses. Seria estranho e acho que triste, também.

PETER — Elas?

JERRY — Não. O que é triste é que eu não consiga estar com uma dona mais de uma vez. Nunca fui capaz de usar o sexo com, ou como se diz?... ter relações com alguém mais do que uma vez. Uma vez só; e acabou-se... Oh!, espere! Quando eu tinha quinze anos... e coro de vergonha só em me lembrar que a minha puberdade tenha vindo tanto tempo depois... eu era um h-o-m-o-s-s-e-x-u-a-l. Eu quero dizer pederasta... *(Muito rápido...)* pederasta... com todos os "ff" e "rr" com sinos badalando, bandeiras desfraldadas ao vento. E durante onze dias, eu me encontrava, ao menos duas vezes por dia, com o filho do superintendente do parque... um rapaz grego, cujo aniversário era no

José Vicente Rezende Cardoso

José Vicente Rezende Cardoso

mesmo dia do meu, só que ele era um ano mais velho. Eu me sentia muito apaixonado... mas talvez tenha sido só sexo. E, agora, eu gosto de prostitutas; gosto sim, de verdade. Mas por uma hora.

PETER — Bem, isto me parece perfeitamente compreensível...

JERRY *(Irado)* — Olha aqui! Você vai me aconselhar a casar e criar periquitos?

PETER *(Também irado)* — Deixe os periquitos em paz! E continue solteiro se você quiser. Isso não é da minha conta. Não fui eu quem começou essa conversa... e...

JERRY — Está bem, está bem. Desculpe. Então? Você está zangado?

PETER *(Rindo)* — Não, não estou.

JERRY *(Aliviado)* — Ótimo. *(Voltando ao seu tom anterior.)* É interessante que você me tenha perguntado sobre as molduras. Pensei que você fosse me perguntar sobre os baralhos pornográficos.

PETER *(Com um sorriso de quem sabe do que se trata)* — Eu conheço esses baralhos.

JERRY — Não é o caso. *(Ri)* Eu acho que quando você era garoto, você e seus amigos passavam esses baralhos um para o outro, ou você tinha o seu?

PETER — Eu acho que muitos de nós tínhamos.

JERRY — E você jogou fora pouco antes de se casar.

PETER — Olha aqui. Eu nunca mais precisei dessas coisas, depois que fiquei mais velho.

JERRY — Não?

PETER *(Aborrecido)* — Eu pre-

JERRY — Então não fale. Além disso, eu não estava tentando descobrir sua vida sexual, depois da adolescência e em épocas difíceis; onde eu queria chegar era à diferença de valor entre as cartas pornográficas quando você é garoto e cartas pornográficas quando você é mais velho. Essa diferença é que quando você é garoto você usa as cartas como um substituto para a experiência real e quando você é mais velho você usa a experiência real como um substituto para a fantasia. Mas creio que você prefere ouvir o que me aconteceu no Jardim Zoológico.

PETER *(Entusiasmado)* — Oh, sim, no zoológico. *(Depois, sem jeito)* Quer dizer... se você...

JERRY — Deixe-me contar, porque fui lá... bem, deixe-me contar-lhe algumas coisas antes. Já lhe falei sobre o quarto andar da pensão onde moro. Acho que os quartos são melhores nos andares de baixo. Acho que são, não sei. Não conheço ninguém no terceiro nem no segundo andar. Oh, espere aí! Sei que há uma senhora morando no terceiro andar, na parte da frente. Eu sei, porque ela chora o tempo todo. Toda vez que saio ou chego. Toda vez que passo pela porta de seu quarto, sempre a ouço chorando, um choro abafado, mas muito definido... Muito definido mesmo. Mas quero falar é da dona da pensão e sobretudo de seu cachorro. Eu não gosto de usar palavras muito duras para descrever pessoas. Não gosto. Mas a dona da pensão é gorda, feia, mesquinha, estúpida, suja, ordinária, bêbeda, um saco de imundice. E você pode ter notado que, como muito raramente sou irreverente, não posso descrevê-la

PETER — Você a descreve... com muito realismo.

JERRY — Obrigado. De qualquer maneira, ela tem um cachorro e eu vou lhe falar sobre o cachorro, pois ela e seu cachorro são porteiros de minha residência. A mulher já é bastante desagradável; ela investe pelo *hall* de entrada, espionando para ver se eu não levo coisas ou gente para o meu quarto; e quando ela já tomou seus dois ou três copos de gin com limão no meio da tarde, ela sempre me faz parar no *hall* e agarra o meu casaco ou meu braço e aperta seu corpo contra o meu para me conservar num canto de tal maneira que ela possa conversar comigo. Você não pode imaginar o que é o cheiro de seu corpo e o seu bafo... e em algum lugar do fundo daquele cérebro do tamanho de uma ervilha, um órgão que desenvolveu apenas o suficiente para fazê-la comer, beber, falar, ela oferece uma nojenta paródia do desejo sexual. E sou eu, Peter, sou eu o objeto de sua viscosa sexualidade.

PETER — É revoltante. É horrível.

JERRY — Mas eu achei uma maneira de conservá-la à distância. Quando ela conversa comigo, quando ela me esprime com seu corpo e cochicha sobre seu quarto, tentando convencer-me a ir até lá, digo, simplesmente: mas amor, ontem não foi o bastante para você, e anteontem? Então, ela se desconcerta, aperta os seus pequeninos olhos, ela sua um pouco e, então, Peter... e neste momento é que eu acho que pratico algo de bom naquela atormentada casa... um sorriso ingênuo começa a se formar no seu rosto indescritível, e ela dá risinhos e solta gemidos enquanto recorda o ontem e o ante-

José Vicente Rezende Cardoso

nunca aconteceu. Então, ela me larga e caminha para junto daquele monstro negro que é o seu cachorro e, finalmente, volta para seu quarto. E eu estou salvo, até o nosso próximo encontro.

PETER — Isso é tão... incrível. Acho difícil acreditar que gente assim exista, realmente.

JERRY *(Um pouco zombeteiro)* — É coisa que se lê nos livros, não é?

PETER *(Seriamente)* — É.

JERRY — Seria melhor que tudo isso não passasse de ficção. Você tem razão, Peter. Bem, o que eu estou querendo lhe contar é sobre o seu cachorro; e vou lhe contar agora.

PETER *(Nervosamente)* — Ah, sim; o cachorro.

JERRY — Não vá embora. Você não está pensando em ir, está?

PETER — Bem... não.

JERRY *(Como se se dirigisse a uma criança)* — Porque depois de eu lhe contar sobre o cachorro, sabe, então... então eu vou falar sobre o que aconteceu no Jardim Zoológico.

PETER *(Sorrindo, timidamente)* — Você... você é cheio de histórias, não é?

JERRY — Você não é obrigado a escutar. Ninguém está prendendo você aqui; lembre-se disso. Ponha isso na cabeça.

PETER — Eu sei.

JERRY — Sabe mesmo? Ótimo. *(A seguinte e longa narrativa me parece que pode ser feita com uma grande movimentação, para se obter com ela um efeito hipnótico em Peter e na platéia, também. Alguns movimentos específicos foram sugeridos, mas o diretor e o ator que interpreta Jerry poderão obter melhor resultado por si mesmos.)* Bom. *(Como se lesse num enorme cartaz)* a história de Jerry e o cachorro. *(Novamente natural.)* O que vou lhe contar tem algo que ver com as razões pelas quais às vezes é necessário que uma pessoa se afaste muito do caminho para atingir um ponto relativamente próximo; ou também seja somente eu que penso assim. Em todo o caso, foi por isso que fui ao Jardim Zoológico hoje e porque caminhei em direção ao norte... até que cheguei aqui. Bem. O cachorro, eu acho que já lhe disse, é um verdadeiro monstro negro; tem uma cabeça desproporcionalmente grande, orelhas pequenas, bem pequenas, e olhos... injetados de sangue, talvez porque estejam infeccionados; quanto ao corpo, você pode ver as costelas dele através da pele.. O cachorro é negro, todo negro; todo negro com exceção dos olhos avermelhados, e... sim... uma ferida aberta em sua pata dianteira... direita... que também é vermelha. E, ah, o pobre monstro, eu acho que é um cachorro velho mesmo... certamente, um cachorro velho e maltratado... Quase sempre tem uma ereção... também vermelha, portanto. E... que mais?... ah, sim; há aquela cor cinza, amarela, esbranquiçada, também, quando ele mostra as presas. Assim: foi isso que ele fez, quando me viu pela primeira vez... no dia em que mudei para a pensão. Tive medo daquele animal, no primeiro momento que o vi. Animais não vão com a minha cara, como se eu fosse São Francisco que vivia com pássaros dependurados nele o tempo todo. Eu quero dizer é que os animais me são indiferentes... como as pessoas *(Sorri, ligeiramente...)* na maioria das vezes. Mas esse cachorro não me era indiferente. Desde o começo, ele vinha rosnando para agarrar uma das minhas pernas. Não era raivoso, não, você, sabe; era um cachorro meio trópego; mas que corria muito bem ainda. Entretanto, eu sempre conseguia fugir. Uma vez, ele arrancou um pedaço da minha calça, olhe, você pode ver aqui, onde está remendado; foi no dia seguinte à minha chegada; mas com um pontapé me livrei dele e corri, rápido, para cima *(Intrigado.)* Até hoje não descobri como os outros hóspedes se arranjam com ele; mas você, certamente, já sabe o que eu penso: acho que era só comigo. De qualquer maneira, isso continuou por uma semana, sempre que eu chegava: mas nunca quando eu saía. É engraçado. Ou melhor, era engraçado. Eu poderia arrumar a mala e viver na rua por causa do cachorro. Bem, eu estava pensando nisso um dia no meu quarto, depois de ter sido corrido pelo cachorro até lá. E decidi. Primeiro, vou sufocar esse cachorro de gentilezas e se isso não der certo... vou matá-lo, simplesmente. *(Peter estremece)* Não reaja a nada Peter; escute, só isso. Assim, no dia seguinte, saí e comprei um pacote de sanduíches de carne, mal passada, sem molho e sem cebola; no caminho para casa, joguei fora o pão e guardei só a carne. *(Talvez, ação para a cena seguinte)* Quando cheguei à pensão, o cachorro estava esperando por mim. Entreabri a porta, e lá estava ele no *hall*, esperando por mim. Entrei, com toda cautela, e não se esqueça: com a carne na mão; abri o pacote e botei a carne no chão a uns quatro metros de onde o cão estava rosnando para mim. Assim! Ele rosnou; parou de rosnar; fungou, e começou a andar, lentamente; e em seguida, mais rápido;

José Vicente Rezende Cardoso

Reação de Peter

e mais rápido na direção da carne. Bem, quando ele chegou perto dela. parou e olhou para mim. Eu sorri; mas para experimentar a reação dele, você compreende. Ele virou a cara para a carne, cheirou-a, fungou mais. e então RRRRAAAA GGGHHHH.! desse jeito... e passou a abocanhar os pedaços. Era como se ele nunca tivesse comido nada em sua vida, com exceção do lixo. O que devia ser verdade. Acho que a dona da pensão só come lixo. Bem, ele comeu a carne toda, quase que tudo de uma vez, fazendo ruídos na garganta como uma mulher. Então, depois que ele terminou de comer a carne, e de ter tentado comer também o papel, ele sentou e sorriu. Acho que ele sorriu; sei que gatos sorriem. Foi, para mim, um momento muito grato. Então, GGRRR..., ele rosnou e avançou desta vez. Então, fui para o meu quarto, deitei e comecei a pensar de novo no cachorro. Para falar a verdade, eu me sentia ofendido e estava furioso, também. Afinal, eram seis excelentes sanduíches de carne sem molho... Eu tinha sido ofendido. Mas, pouco depois, decidi tentar a mesma coisa por mais alguns dias. Como você deve ter percebido, o cachorro vinha alimentando aquela antipatia comigo. E eu imaginava que não seria capaz de superar essa antipatia. Assim, tentei por isso mais cinco dias, mas acontecia sempre o mesmo: ele rosnava, fungava, caminhava, mais rápido, me olhava, avançava na carne, GRRRRRR sorria, rosnava, Grrr... Bem, por esta época a Avenida Columbus já estava coalhada de pães e eu estava já mais enojado do que ofendido. Portanto, decidi matar o cachorro. *(Peter ergue a mão em*

Oh, não, fique alarmado. Peter, não fui bem sucedido. No dia em que decidi matar o cachorro, comprei apenas um sanduíche, de carne e aquilo que eu pensei que fosse uma mortífera porção de veneno para rato. Quando comprei o sanduíche, disse ao homem que não se preocupasse com o pão, porque eu só queria a carne. Esperei uma reação dele, como: "nós não vendemos nenhum sanduíche de carne sem pão"; ou, "o que é que vai fazer; segurar a carne para comer?" Mas não: ele sorriu, embrulhou a carne em papel impermeável e disse: "Uma mordida para seu gatinho?" Eu ai quiz dizer: "Não, não é bem isso; isto aqui faz parte de um plano para envenenar um cachorro que eu conheço." Mas você não pode dizer "um cachorro que eu conheço": sem ficar engraçado; então eu disse e receio que tenha dito um pouco alto demais e de uma maneira muito formal: É UMA MORDIDA PARA O MEU CACHORRO. Todo mundo me olhou. Isso sempre acontece quando tento simplificar as coisas, todo mundo me olha. Bem, isso não interessa agora. Ao voltar para a pensão, misturei com as mãos a carne e o veneno, sentindo já, àquela altura, tanta tristeza quanto nojo. Abri a porta do *hall* e lá estava o monstro, esperando para apossar-se da costumeira oferta e, depois, saltar em cima de mim. Pobre coitado, ele jamais soube que, no momento em que ele sorriu para mim antes de se aproximar, foi suficiente para passar a minha raiva. Mas, lá estava ele preparando para atacar, esperando. Botei o bolo de veneno no chão, aproximei-me da escada e fiquei observando. O pobre animal engoliu a comida como de costume, sorriu, o que quase me fez mal, e então, Grrr... Eu disparei escada acima, como de costume. E ACONTECEU: QUE O ANIMAL FICOU MORTALMENTE DOENTE. Fiquei sabendo disso, porque ele passou a não me esperar mais e por que a dona da pensão parou de beber. Ela me fez parar no *hall* na mesma noite da tentativa de homicídio e me confidenciou que Deus havia atingido seu querido cachorrinho com um golpe certamente fatal. Ela havia esquecido de sua descontrolada sensualidade e seus olhos estavam muito abertos, pela primeira vez. Pareciam os olhos do cachorro. Choramingou e implorou que eu rezasse pelo cachorro. Eu quis dizer: madame, eu já tenho que rezar por mim mesmo. pela bicha negra, pela família portoriquenha, pela pessoa que mora no quarto da frente e que eu nunca vi, pela mulher que chora deliberadamente do outro lado da porta fechada, e pelo resto das pessoas de todas as pensões do mundo inteiro; além do mais, madame, eu não sei rezar. Mas... para simplificar as coisas... eu prometi que ia rezar. Ela me olhou. Disse que eu era um mentiroso e que provavelmente queria que o cachorro morresse. Eu respondi, e em minhas palavras havia muita sinceridade, que não desejava a morte do cachorro. Não queria, e não era só porque tinha sido eu quem o tinha envenenado. Receio que tenha de lhe dizer que eu queria que o cachorro vivesse para ver o que aconteceria com as nossas novas relações. *(Peter demonstra seu crescente desgosto e um antagonismo que, também, cresce, lentamente.)* Por favor compreenda Peter; essas coisas são importantes. Você deve acreditar em mim; isso é importante. Nós precisamos conhecer os efeitos de nossas ações.

José Vicente Rezende Cardoso

(Outro profundo suspiro) Bem, de qualquer maneira, o cachorro recuperou-se. Não tenho a menor idéia de como ou por que, a não ser que ele seja um enfeitiçado cão que guarda os portões do inferno ou outro refúgio do mesmo tipo. Não estou bem lembrado de minha mitologia. Você está? *(Peter começa a pensar, mas Jerry continua)* De qualquer maneira, e você já perdeu a oportunidade de ganhar por uma pergunta no valor de oito mil dólares, Peter; de qualquer maneira, o cachorro não morreu e a dona da pensão recuperou a sua sede, em nada alterada pelo renascimento de seu latido. Depois de ter assistido a um filme que estava sendo levado em um cinema da Rua Quarenta e Dois, um filme que eu já tinha visto; depois da dona da pensão ter-me contado que seu cachorrinho estava melhor, estava certo de que ele estaria esperando por mim. Eu estava... bem... como se diz?... seduzido?... fascinado?... não, não era bem isso... eu estava ansioso ao ponto de ter o coração partido, é isso. Eu estava ansioso ao ponto de ter o coração partido para me ver, mais uma vez, frente à frente com o meu amigo. *(Peter reage)* Sim, Peter, amigo. É a única palavra adequada. Eu estava ao ponto de ter o coração partido, etc., para estar, uma vez mais, frente à frente com o meu amigo cão. Entrei pela porta e avancei, sem medo, até o centro do *hall*. O animal estava lá... fitando-me. Olhei para ele; ele olhou para mim. Acho que... acho que nós ficamos muito tempo assim... petrificados, como duas estátuas... olhando um para o outro. Eu olhei mais para sua cara do que *ele olhou* para a minha. Eu quero dizer que posso me encontrar durante mais tempo em olhar para a cara de um cachorro do que um cachorro pode se encontrar em olhar para a minha, ou para qualquer outra pessoa, tanto faz. Mas durante aqueles vinte segundos — ou aquelas duas horas — que nós nos olhamos, um para a cara do outro, nós estabelecemos um contato. E era isso que eu queria que acontecesse; eu agora gostava daquele cachorro e queria que também gostasse de mim. Eu tinha tentado gostar dele e eu tinha tentado matá-lo, sem sucesso. Eu esperava que isso acontecesse, mas não sei porque esperava que um cachorro pudesse compreender alguma coisa, muito menos minhas razões... mas eu tinha esperança. *(Peter parece hipnotizado)* E que... é que... *(Jerry está estranhamente tenso, agora)*... é que se você não pode conviver com gente, você precisa tentar... de alguma forma COM ANIMAIS! *(Muito mais rápido agora, como um conspirador)* Você não compreende? Uma pessoa tem que encontrar uma maneira de relacionar-se com alguma coisa. Se não pode com as pessoas... se não pode com as pessoas... com ALGUMA COISA. Com uma cama, com uma barata, com um espelho... não, isso seria difícil demais, este seria um dos últimos passos a tomar. Com uma barata... com... com... com um tapete, com um rolo de papel higiênico... não, isso também não... Você está vendo como é difícil encontrar coisas? Com a esquina de uma rua, com muitas luzes de todas as cores refletindo no chão oleoso e seco das ruas... com um pouco de fumaça... um pouco... de fumaça... com... com baralhos pornográficos, com um cofre... SEM CADEADO... com o amor, com o vômito, com o choro, com o desejo, porque as prostitutas não são prostitutas, quando ganham dinheiro com o seu corpo — o que é um ato de amor e eu poderia prová-lo — com o gemido, porque você está vivo, com Deus. Que tal essa? COM DEUS QUE É UMA BICHA NEGRA QUE USA QUIMONO E DEPILA AS SOMBRANCELHAS? QUE É UMA MULHER QUE CHORA DECIDIDA DO OUTRO LADO DA PORTA FECHADA... com Deus que, segundo me contaram, deu as costas a tudo algum tempo atrás... com — algum dia — com as pessoas. As pessoas. Com uma idéia: um conceito. E que lugar melhor para transmitir uma idéia simples do que o *hall* de entrada de minha pensão? Ali, seria UM COMEÇO! O que é melhor para um começo... para compreender e, possivelmente, ser compreendido... para um começo de entendimento do que com... *(Aqui Jerry parece cair numa fadiga quase grotesca)*... do que com UM cachorro. Simplesmente: um cachorro. *(Aqui, silêncio que pode ser prolongado por um instante ou mais; depois, Jerry, fatigado, termina a sua história.)* Um cachorro... Me parece uma idéia perfeitamente válida. Lembre-se de que o homem é o melhor amigo do cão. Portanto: eu e o cachorro ficamos olhando, um para o outro. Eu mais tempo do que o cachorro. E o que eu via, então, era sempre a mesma coisa, depois desse encontro. Agora, sempre que eu e o cachorro nos vemos, nós paramos onde estamos. Olhando um para o outro com mistura de tristeza e suspeita e fingimos uma indiferença mútua. Passamos um pelo outro com segurança; compreendemo-nos. É triste, mas você tem que admitir que

ıós nos compreendemos. Tínhamos eito várias tentativas de contato, nas falhado. O cachorro voltou ao ixo e eu ganhei uma passagem soliária, mas livre. Eu não voltei. Quero dizer que ganhei uma passagem livre e solitária, se é que uma perda pode ser mais considerada como um lucro. Aprendi que nem a delicadeza e a crueldade por si mesmas, independentes, uma da outra, criam um resultado que as supere; e aprendi que as duas combinadas, juntas ao mesmo tempo, criam verdadeira emoção. O que é ganho é perda. E qual foi o resultado? Nós, o cachorro e eu, tínhamos alcançado um compromisso. Mais do que uma troca. Não nos amamos mais, nem nos ferimos, porque não tentamos mais nos aproximar um do outro. E quando eu o alimentava, não era isso um ato de amor? E quando ele tentava me morder, não era isso talvez, um ato de amor? *(Silêncio. Jerry dirige-se para o banco de Peter, sentando-se ao seu lado. Esta é a primeira vez que Jerry se senta durante a peça.)* Fim da história de Jerry e o cachorro. *(Peter está silencioso)* Então, Peter? *(Jerry fica subitamente alegre)* Então, Peter? Você acha que eu poderia vender esta história para "Seleções" e ganhar duzentos dólares na série "Meu tipo inesquecível?" Ein? *(Jerry está muito animado, Peter perturbado)* Vamos, Peter, o que é que você acha?

PETER *(Paralisado)* — Eu... não sei... não sei... não compreendo... acho que não. *(Quase chorando)* Por que você me contou tudo isso?

JERRY — E por que não?

PETER — EU NÃO ENTENDI NADA!

JERRY *(Furioso, mas baixo)* —

PETER — Não, não é mentira.

JERRY *(Calmo)* — Tentei explicar tudo enquanto contava a história. E contei devagar, ela se refere à...

PETER — NÃO QUERO OUVIR MAIS NADA. Você não me interessa, nem a dona da pensão e muito menos o cachorro dela...

JERRY — O cachorro dela! Eu pensei que ele fosse meu... Não. Você tem razão. O cachorro é dela, Peter. *(Olha Peter decididamente, sacudindo a cabeça)* Eu não sei o que tinha na cabeça; é claro que você não pode compreender. *(Monótono e cuidadoso)* Eu não moro na sua rua, não sou casado com dois periquitos ou qualquer que seja o arranjo lá da sua casa. Eu sou um transitório permanente, o meu lar são as infectas pensões do lado oeste da cidade de Nova Yorque, que é a maior cidade do mundo. Amém.

PETER — Desculpe... eu não quis...

JERRY — Está bem. Desconfia que você não sabe bem o que pensar de mim, não é?

PETER *(Tentando uma piada)* — A gente encontra pessoas de todos os tipos na minha profissão. *(Sorri entredentes.)*

JERRY — Você é um sujeito engraçado. *(Força um riso)* Sabia disso? Você é... dotado de uma grande comicidade.

PETER *(Modesto, mas divertindo-se)* — Oh, não. Não sou não. *(Ainda sorri entredentes.)*

JERRY — Peter, eu o deixo chateado ou... confuso?

PETER *(Iluminado)* — Bem, devo confessar que não era esse o tipo de tarde que eu havia previsto.

JERRY — Você quer dizer que não sou a pessoa que você esperava.

PETER — Eu não estava esperando ninguém.

JERRY — Não, eu não quero dizer isto. Mas você me encontrou... eu estou aqui e não vou embora.

PETER *(Consultando o relógio)* — Bem, você pode ficar, mas eu tenho de ir embora.

JERRY — Ora, vamos; fique mais um pouco.

PETER — Eu tenho de ir para casa; você compreende que...

JERRY *(Fazendo cócegas nas costas de Peter)* — Ora, vamos...

PETER *(Sente muita cócegas, Jerry continua e a voz dele vai ficando em falsete)* — Não, eu... OHHHHH! Pare com isso. Não faça isso Pare. OHHHH, não, não.

JERRY — Ora, vamos.

PETER *(Jerry continua a fazer cócegas)* — Oh, hi, hi, hi. Eu tenho que ir embora. Eu... hi, hi, hi. Afinal de contas... Pare com isso, pare, hi, hi, hi, afinal de contas os periquitos já deverão estar jantando daqui a pouco. Hi, hi, e os gatos estão botando a mesa. Pare, pare, e, e... *(Perdeu todo o controle)* e nós... vamos... hi, hi, hi... uh... ho... ho... ho... *(Jerry pára de fazer cócegas em Peter, mas a combinação das cócegas e suas próprias extravagâncias põem Peter rindo quase histericamente. Durante o seu riso, Jerry observa-o com um sorriso curioso e fixo.)*

JERRY — Peter?

PETER — Oh, ha, ha, ha, ha, ha, ha, ha. O quê? O quê?

JERRY — Escute aqui.

PETER — Oh, ho, ho, ho... o que é, Jerry? Oh...

José Vicente Rezende Cardoso

JERRY *(Misteriosamente)* — Peter, você não quer saber o que aconteceu no Jardim Zoológico?

PETER — Ah, ha, ha, ha, ha. O quê? Oh, sim; o zoológico. Oh, oh, oh, oh. Bem eu tive meu zoológico particular por um momento com... hi, hi, hi, os periquitos prontos para jantar e... ha, ha, ha... sei lá o quê...

JERRY *(Calmamente)* — Sim, foi mesmo muito engraçado, Peter. Não pensei que pudesse ser tão engraçado. Mas você quer ouvir o que aconteceu no Jardim Zoológico ou não?

PETER — Quero. Quero, sim, claro. Conte, o que aconteceu no zoológico?

JERRY — Agora vou lhe contar o que aconteceu no zoológico. Mas antes devo dizer por que fui ao zoológico. Fui até lá saber de que maneira as pessoas vivem com os animais e como os animais vivem uns com os outros e com as pessoas, também. Não foi, provavelmente, uma experiência muito proveitosa, com todo mundo separado do resto, pelas grades, os animais isolados da maioria dos outros e as pessoas sempre separadas dos animais. Mas assim é que são os zoológicos. *(Empurra Peter com o braço)* Chega pra lá.

PETER *(Amistoso)* — Desculpe, mas você já não tem bastante espaço?

JERRY *(Sorrindo, ligeiramente)* — Bem, todos os animais estavam lá e uma porção de gente estava lá, pois é domingo e todas as crianças, também, estavam lá. *(Empurra Peter de novo)* Chega pra lá.

PETER *(Paciente, ainda amistoso)* — Está bem. *(Ele se afasta mais e Jerry tem todo o espaço que poderia desejar.)*

JERRY — Estava muito quente, por isso havia um mau cheiro no ar e todos os vendedores de balão e todos os vendedores de sorvete e todas as focas latiam e todos os pássaros gritavam. *(Empurra Peter com mais força)* Chega pra lá!

PETER *(Muito aborrecido)* — Eu não posso chegar mais pra lá, e pare de me bater. O que é que há com você?

JERRY — Você não quer ouvir a história? *(Bate de novo no braço de Peter.)*

PETER *(Confuso)* — Não sei. Só sei que não quero que me batam no braço.

JERRY *(Bate de novo no braço de Peter)* — Assim?

PETER — Pare com isso! O que é que há com você?

JERRY — Eu estou louco, seu merda! ACERTO!

PETER — Bem, agora eu não gostei.

JERRY — Escute aqui, Peter. Eu quero este banco. Você vai sentar naquele ali adiante, se você for bonzinho eu lhe conto o resto da história.

PETER *(Aturdido)* — Mas... por quê? O que é que há com você? Além disso, não vejo razão nenhuma para sair deste banco. Eu me sento aqui quase todos os domingos, à tarde, quando o tempo está bom. É sossegado aqui. Nunca vem ninguém sentar-se aqui; este banco sempre foi meu.

JERRY *(Suave)* — Saia deste banco... Peter. Eu quero este banco.

PETER *(Quase choramingando)* — Não!

JERRY — Já disse que quero este banco e vou ficar com ele. Dê o fora daqui!

PETER — Não se pode ter tudo o que se quer. Você devia saber disso; é a lei das coisas. Pode-se ter algumas coisas que se quer, mas não tudo.

JERRY *(Ri)* — Imbecil! Você é um retardado mental!

PETER — Pare com isso!

JERRY — Você é um vegetal! Vá deitar-se no chão.

PETER *(Intenso)* — Agora, você vai me ouvir, seu... Já agüentei a tarde toda.

JERRY — Nem tanto.

PETER — O suficiente! Já o agüentei o suficiente. Escutei o que você tinha a dizer porque parecia que você... bem, porque pensei que você precisava conversar com alguém.

JERRY — Você sabe arranjar bem as coisas, metodicamente; e apesar disso... oh, qual a palavra que devo empregar para lhe fazer justiça... CRISTO, você me enche... saia daqui e me dê o meu banco.

PETER — MEU BANCO!

JERRY *(Empurra Peter para quase fora do banco)* — Suma da minha vista.

PETER *(Retornando a sua posição)* — Vá à... vá para o inferno. É demais. Você já está demais. Eu não vou lhe dar este banco, este banco não é seu e... acabou-se. Agora vá embora. *(Jerry bufa, mas não se move)* Vá embora já disse. *(Jerry não se move)* Vá embora daqui... você é um vagabundo... é o que você é. Se você não for, vou chamar um guarda para levá-lo daqui. *(Jerry ri, fica)* Estou lhe avisando, vou chamar um guarda.

JERRY *(Suave)* — Você não vai chamar nenhum guarda; eles estão do outro lado do parque, preocupados com as "bichas", tirando-as de cima das árvores e de trás das moi-

José Vicente Rezende Cardoso

tas. Eles não fazem mais nada. A única função deles é essa. Você pode gritar até arrebentar; não vai adiantar nada.

PETER — POLICIA! Estou lhe avisando, você vai ser preso. POLICIA! *(Pausa)* Eu disse POLICIA! *(Pausa)* Isto é ridículo!

JERRY — Você é que é ridículo: um homem deste tamanho gritando polícia numa linda tarde de domingo no parque, sem que ninguém esteja lhe fazendo nada.

Mesmo que um guarda já tivesse terminado a ronda e aparecesse por aqui, ele ia provavelmente pensar que você não anda bom da bola.

PETER *(Com nojo e impotente)* — Deus do céu, eu vim aqui só para ler e, agora, você me toma o banco. Você é um louco.

JERRY — Ei, tenho novidades para você, como se diz. Tomei conta do seu precioso banco e você nunca mais vai tê-lo de volta.

PETER *(Furioso)* — Saia do meu banco. Não me interessa que eu esteja agindo com bom senso ou não. Eu quero este banco para mim e quero que você SAIA DAQUI!

JERRY *(Zombando)* — Oh... olha só quem enlouqueceu, agora!

PETER — Saia!

JERRY — Não.

PETER — ESTOU LHE AVISANDO!

JERRY — Você não imagina como você está se tornando ridículo!

PETER *(A fúria apossou-se dele)* — Não me interessa *(Quase chorando)* SAIA DO MEU BANCO!

JERRY — Por quê? Você tem tudo o que quer no mundo. Você falou de seu lar, de sua família, de seu pequeno Jardim Zoológico. Você tem tudo e agora quer também este banco. Você acha que um homem deve lutar por essas coisas? Diga, Peter, este banco aqui, este ferro e esta madeira, este banco representa a sua honra? É por ele que você acha que deve lutar? Você pode imaginar alguma coisa mais absurda?

PETER — Absurda! Olhe, eu não vou discutir honra com você nem tentar explicá-la. Além disso, não é uma questão de honra. Mas mesmo que fosse você não entenderia.

JERRY *(Com desprezo)* — Você não sabe do que está falando, sabe? Esta é provavelmente a primeira vez em toda a sua vida que você tenta enfrentar alguma coisa mais difícil do que limpar a latrina de seus gatos. Estúpido! Você não tem idéia, a menor idéia daquilo que as outras pessoas precisam?

PETER — Oh, rapaz; escuta aqui: você não precisa deste banco. É claro que não.

JERRY — Preciso sim; preciso.

PETER *(Tremendo)* — Há anos que venho aqui; tenho tido momentos de grande prazer, de grande satisfação, aqui, neste banco. E isso é importante para um homem. E sou um homem de responsabilidade, sou um homem ADULTO. Este banco é meu, e você não tem nenhum direito de me tomá-lo!

JERRY — Então, lute por ele. Defenda-se; defenda seu banco.

PETER — Você está me forçando a fazer isso! Levante e brigue.

JERRY — Como um homem.

PETER *(Furioso)* — Sim, como um homem, já que você insiste em zombar de mim.

JERRY — Tenho de lhe dar crédito por uma coisa, Peter; você é um vegetal, e ainda por cima, levemente, míope... eu acho.

PETER — CHEGA!

JERRY — ...mas, você sabe, como eles costumam falar na televisão o tempo todo, você sabe, e eu falo, sinceramente, Peter, você tem uma certa dignidade; isso me surpreende...

PETER — PARE!

JERRY *(Levanta-se preguiçosamente)* — Muito bem, Peter, nós lutaremos pela posse deste banco, mas será uma luta desigual... *(Tira do bolso e abre com um clique uma faca assustadora.)*

PETER *(Subitamente desperta com a realidade da situação)* — Você está louco! Você está louco varrido! VOCÊ VAI ME MATAR! *(Mas antes que Peter tenha tempo para pensar no que vai fazer, Jerry atira a faca a seus pés.)*

JERRY — Aí está. Apanha. Você apanha esta faca para que a luta possa ficar de igual para igual.

PETER *(Horrorizado)* — Não!

JERRY *(Atira-se sobre Peter, agarra-o pelo colarinho. Peter levanta-se: suas faces quase se tocam)* — Agora você apanha a faca e lute comigo. Você vai lutar pelo seu amor próprio; vai lutar por este maldito banco.

PETER *(Esforçando-se)* — Não... Deixe... deixe eu ir embora! ele... socorro!

JERRY *(Esbofeteia Peter)* — Lute, seu filho da puta; lute por seu banco; lute por seus periquitos; lute por seus gatos; lute por suas duas filhas; lute por sua mulher; lute por sua masculinidade; seu verme insignificante. *(Cospe no rosto de Peter)* Você nem pode fazer um filho macho em sua mulher.

PETER *(Escapa, enfurecido)* — Isso é uma questão de genética e não

de virilidade, seu... seu monstro. *(Afasta-se e apanha a faca, recua um pouco; ele respira com dificuldade)* Vou-lhe dar a ultima chance; suma-se daqui e me deixe em paz! *(Segura a faca com o braço firme, mas à certa distância, na sua frente, não para atacar, mas para se defender.)*

JERRY *(Suspira profundamente)* — Que assim seja! *(Atira-se contra Peter e empurra o corpo contra a faca. Tableau: por um momento, completo silêncio. Jerry atravessado pela faca no extremo do braço ainda firme de Peter. Então Peter grita, afasta-se, deixando a faca em Jerry. Jerry não se move. Então ele também grita, o som de um animal fatalmente ferido com a faca enterrada nele. Jerry cambaleia até o banco, que Peter abandonara. Senta-se fitando Peter: os olhos e a boca abertos em agonia.)*

PETER *(Sussurra)* — Oh, meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus... *(Ele repete essas palavras muitas vezes, rapidamente.)*

JERRY *(Jerry está morrendo, mas agora a sua expressão parece mudar. Os músculos do rosto relaxaram-se, sua voz varia, algumas vezes ferida pela dor, mas na maior parte do tempo ele parece distante de sua morte. Sorri.)* Obrigado, Peter; agora, com toda sinceridade, Peter, muito obrigado. *(Peter boquiaberto, não pode se mover, paralisado.)* Oh, Peter, eu estava com tanto medo que você fosse embora. *(Ri como pode)* Você não imagina o medo que eu tinha que você fosse embora e me deixasse só. Agora vou lhe contar o que aconteceu no Jardim Zoológico... quando eu estava lá, quando eu estava no zoológico, eu decidi que caminharia rumo ao norte... até encontrar alguém... você... ou alguém... e decidi que conversaria com você... e lhe diria certas coisas... e essas coisas que eu lhe diria fariam com que... Bem, aqui estamos. Compreende? Aqui estamos. Mas... não sei... será que eu planejei tudo isso? Não... eu não poderia ter planejado tudo. Mas acho que sim. Agora, já lhe contei tudo que você queria saber, não contei? E agora você sabe de tudo que aconteceu no zoológico. E agora você sabe o que vai ver na televisão e o rosto de quem eu lhe falei, o meu rosto... o rosto que você está vendo agora, Peter... Peter... Peter, obrigado. Eu vim até você. *(Ri fracamente)* e você me confortou. Meu caro Peter!

PETER *(Quase desmaiando)* — Meu Deus!

JERRY — É melhor você ir agora. Pode aparecer alguém e você não vai querer estar aqui, quando este alguém chegar.

PETER *(Não se move mas começa a chorar)* — Oh, meu Deus, oh, meu Deus...

JERRY *(Mais fraco ainda, perto da morte)* — Você não voltará mais aqui, Peter, você foi desapropriado. Perdeu seu banco, mas defendeu sua honra. Peter, eu vou lhe dizer uma coisa: você não é um vegetal; está bem, você é um animal. Você também é um animal. Mas é melhor você ir embora, Peter. Depressa, é melhor você ir... *(Jerry apanha um lenço e com grande esforço limpa no cabo da faca as impressões digitais)* Vá embora, Peter, depressa. *(Peter afasta-se, vacilante)* Espere... espere, Peter. Leve seu livro... o livro. Aqui... junto de mim... no seu banco... ou melhor, no meu banco... Venha, apanhe o seu livro. *(Peter move-se para o livro, mas recua)* Depressa... Peter. *(Peter corre até o banco, apanha o livro, recua)* Muito bem, Peter... muito bem. Agora, vá embora. Rápido. *(Peter hesita por um momento, depois sai do palco)* Depressa... *(Os olhos de Jerry estão fechando)*... Depressa... seus periquitos estão fazendo o jantar... os gatos... os gatos estão botando a mesa...

PETER *(Fora do palco num gemido)* — Oh, meu Deus!

JERRY *(Os olhos ainda fechados, balança a cabeça e fala: uma combinação de bufo e súplica)* Oh... meus Deus. *(Ele está morto.)*

PANO

José Vicente Rezende Cardoso